



Valor universal

CIDADE A vida sociocultural no Centro Histórico de Salvador, reconhecido há 40 anos como Patrimônio Cultural da Humanidade

Cultura viva no cotidiano e na arquitetura do Santo Antônio



GILSON JORGE

No casarão de número 46 da Rua do Passo, no Centro Histórico de Salvador, oito famílias coabitam em pequenas unidades residenciais que incluem cozinhas e banheiros independentes. De uso comum, a varanda do imóvel tem uma espetacular vista para a Baía de Todos-os-Santos.

Na Rua do Carmo e na Rua Direita do Santo Antônio, muitos am-

bientes assemelhados a esse se tornaram, ao longo dos últimos anos, espaços disputados por frequentadores de bares, restaurantes, cafés e pousadas para a apreciação do pôr do sol.

Mas no casarão 46, e em outros da vizinhança, a varanda é o local mais apropriado para pendurar a roupa lavada, colocar um colchão para secar e, por que não?, aproveitar também a paisagem.

Uma vez por mês, normalmente aos domingos, alguém prepara um

almoço comunitário e as famílias, lideradas por mulheres, discutem assuntos de interesse coletivo.

Há 20 anos, a paulista Maura Cristina, que é assessora do vereador Sílvio Humberto, mora no casarão 46. Filiada ao Movimento dos Sem-teto do Brasil, ela integra o grupo de famílias que ocuparam imóveis abandonados antes que esse trecho do Centro Histórico despertasse o interesse do mercado imobiliário.

Maura abre a porta da sua uni-

dade residencial para conversar com A TARDE e é seguida por uma menina de dois anos, filha de uma das vizinhas.

A criança brinca de abrir e fechar a porta, enquanto a líder comunitária serve um café e explica a luta pela manutenção das famílias nesse sítio, que há 40 anos foi reconhecido pela Unesco como Patrimônio Cultural da Humanidade, um ano depois de ter sido tombado pelo Iphan.

Para ambas as instituições, o

Centro Histórico de Salvador inclui o São Bento, a Praça Municipal, Maciel/Pelourinho, Taboão, Carmo e Largo de Santo Antônio, uma região que foi erguida pelos portugueses como uma cidade-fortaleza, para se proteger de invasores, e há décadas enfrenta a batalha de como alinhar preservação do patrimônio, vocação para o turismo e política habitacional para famílias de baixa renda.

CONTINUA NA PÁGINA 2

GILSON JORGE

A líder comunitária fala em uma nova perspectiva de morar no Centro Histórico para as famílias de baixa renda. "As ocupações têm altivez de moradia. Não há mais o modelo de uma habitação que não seja digna", afirma a ativista, que destaca a união entre as lideranças do Centro Histórico com comunidades da Conceição da Praia, Dois de Julho, da Ladeira da Preguiça e da Gamboa de Baixo.

Na sala de sua casa, com fotos empreto e branco de Luiza Bairos, Machado de Assis e Nelson Mandela, seus referenciais de vida, Maura Cristina lembra que, antes de sua geração, famílias negras e pobres ajudaram a preservar os casarões coloniais que ocupavam até o tombamento da área pelo Iphan.

Maior conjunto colonial da América do Sul, Salvador tem mais de três mil imóveis históricos de matriz europeia, construídos entre os séculos 16 e 19. Além de monumentos inquestionáveis, como a Catedral Basílica, a Igreja de São Francisco, o Mosteiro de São Bento e o Forte de São Marcelo, são centenas de casarões espalhados pelos bairros centrais, muitos em ruína, outros tantos somente com a fachada de pé.

Destes imóveis, apenas 175 estão sob a administração do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac). Juntos, somam mais de 400 unidades habitacionais, além de casarões que são alugados para abrigar instituições culturais, ONGs, pousadas e outros negócios.

Nos imóveis coloniais administrados por particulares ou pela Igreja Católica, o Ipac e o Iphan fiscalizam a conservação da fachada e de características originais, mas a manutenção e o uso são decididos pelos proprietários.

Diretor do Ipac, o historiador Marcelo Lima admite a escassez de negócios no Centro Histórico voltados para os moradores de baixa renda e identifica como origem a reforma dos anos 1990.

"Houve um processo de gentrificação com a expulsão dos moradores do Pelourinho e acabou tentando se transformar em um shopping a céu aberto", avalia o diretor, que reconhece a necessidade de o poder público considerar as demandas da população mais pobre do bairro, mesmo com a vocação turística do local. "A gente precisa oferecer mercadinho, mercearia e farmácia", declara Marcelo.

Segundo o diretor, o Governo do Estado tem feito o mapeamento para que haja espaço no bairro para a cultura, para instituições, mas também para a moradia. "É preciso que haja essa grande união para constituir um bairro", afirma.

Arte e gastronomia

Pioneiro do movimento que a partir de 2011 levou galerias de arte ao Carmo e ao Santo Antônio, o artista visual Leonel Mattos acredita que esse trecho do Centro Histórico deva seguir o modelo de circuito de arte e gastronomia, como acontece em Santa Tereza, no Rio de Janeiro, ou Embu das Artes, em São Paulo.

"Graças a Deus, aqui no Santo Antônio esse movimento está acontecendo mais ou menos como deveria ser, porque antes a gente teve uma empresária que comprou 40 casas para fazer um shopping a céu aberto com grifes. E o perfil aqui do bairro é cultura", pontua Leonel.

Sobre as iniciativas de conservação do patrimônio, o artista considera que, a despeito de boas intenções, o poder público às vezes erra nas iniciativas. "Houve uma obra nas escadarias da Igreja do Boqueirão e eu avisei ao trabalhador que ele não estava tirando as pedras com cuidado para consertar. Restauro não é trocar as coisas, é restaurar", pondera o artista, que mantém na Rua do Carmo um ateliê-residência, em parceria com a artista plástica Alba Trindade. Ainda este mês, eles abrem um segundo ateliê, na Rua do Passo, com obras de Eckenberg, Sante Scaldaferrri e Jayme Figura.

Defensor de longa data da permanência das famílias no Centro Histórico, e também da recuperação de todo o casario colonial, Clarindo Silva segue na luta. E não é por menos. A placa comemorativa dos 40 anos de tombamento do Centro Histórico está fixada na parede externa de sua Cantina da Lua. Afinal, poucas pessoas encarnam a luta pela preservação do



Igreja de São Francisco: exemplo de uma das construções icônicas do conjunto arquitetônico do Pelourinho

■ CAPA

Patrimônio por excelência

patrimônio como o empresário, escritor e radialista que se veste de branco em todos os dias do ano.

Quando o teto da Igreja de São Francisco desabou, em fevereiro deste ano, matando uma turista de 26 anos, circulou nas redes sociais um vídeo com o emotivo apelo de Clarindo para que o sacrifício da vida da garota paulista não fosse em vão. Que servisse de advertência às autoridades, quatro décadas depois que seu estabelecimento recebeu a placa comemorativa.

"Na minha ótica, o tombamento foi um grito de alerta, não só para os baianos, mas para os brasileiros, pela beleza arquitetônica que nós temos", afirma Clarindo, nascido em 1942 e que chegou ainda criança ao Centro Histórico, quando a elite branca de Salvador ainda ocupava boa parte dos casarões, em um abandono gradual da área.

"Uma casa que era de uma família passou a abrigar 38 famílias. Claro que houve um empobrecimento da área", avalia o empresário, para quem a sociedade deu as costas ao Pelourinho, estigmatizando o lugar como antro de prostituição e drogas. "A sociedade tem um preconceito muito grande e associa pobreza e negritude à marginalidade", protesta Clarindo.

Bens culturais

O empresário critica o estado de conservação dos imóveis no Centro Histórico e no Centro Antigo como um todo. "Você passa pela Soledade, parece que houve um bombardeio. A Ladeira da Montanha está quase 100% sem habitação. Tem o Cine Jandaia, por onde passaram Vicente Celestino e Carmem Miranda".

Clarindo também cobra que a Arquidiocese de Salvador proteja seus bens imóveis. "Não é possível que a Igreja dos Quinze Mistérios, que é pequeninha, não seja cuidada", afirma o empresário.

O cônego Edilson Conceição, coordenador da Comissão Arquidiocesana de Bens Culturais da Igreja, afirma que a Igreja conseguiu do Governo Federal, através do Iphan, R\$ 1,2 milhão para o restauro do teto da Igreja de São Francisco, mas ainda não há prazo para a total.

No reform, são 51 imóveis ligados à Arquidiocese em Salvador e Lauro de Freitas que demandam algum tipo de intervenção. Neste momento, há 17 templos desativados à espera de reparos, incluindo a Igreja dos Quinze Mistérios.

"Nós estamos fazendo um mapeamento, uma pesquisa, enviando para as paróquias, as congregações religiosas e as ordens, que são as responsáveis pelos imóveis, para que seja feita uma busca sobre as condições dessas igrejas", declara o padre.

No verão passado, chegou a ser ventilada a notícia de que o Cine



Alba Trindade e Leonel Mattos: ateliê-residência no Santo Antônio



"Para mim, o tombamento foi um grito de alerta", diz Clarindo Silva



A assessora Maura Cristina: "As ocupações têm altivez de moradia"



O historiador e diretor geral do Ipac, Marcelo Lemos Filho



Maria Prata faz comparações com o centro histórico de Lisboa

Jandaia passaria por uma reforma e receberia os ensaios do Cortejo Afro, em um projeto que envolveria uma famosa atriz, mas a história não foi adiante.

A assessoria do Ipac afirma que não há novidades para o prédio inaugurado em 1931 e que encerrou as atividades definitivamente em 1993. Em 2016, o edifício *art déco*, que era de particulares, foi assumido pelo Estado da Bahia. "Eu conlamo a sociedade a defender nosso patrimônio, mas especialmente os políticos. Cadê as emendas?", cobra o empresário.

Centro de lazer

A revitalização do casario colonial nas décadas de 80 e 90, com a reforma de 1.350 imóveis e a implantação de negócios variados, transformou o Maciel/Pelourinho em um enorme centro de lazer e gastronomia que atraiu para a região a classe média soteropolitana, que antes rejeitava passar perto das ruas estigmatizadas pela prostituição e pelos batedores de carteira.

Durante anos, em um período que coincidiu com a ascensão do Olodum e da axé-music, moradores da Barra, Graça e Pituba comeram a moqueca de D. Celina, visitaram o café de Maria Adair e beberam na filial do Habeas Copos, além de levarem latas de leite em pó para trocarem por ingressos de shows de MPB nas praças.

Mas o sucesso temporário desse modelo teve um enorme e permanente custo social. Dados da Unesco indicam que dos 9.853 residentes do Centro Histórico em 1980, restaram apenas 3.235 em 2000.

O aluguel de casarões coloniais para turistas, via Airbnb é mais uma variável do que pode acontecer ao Centro Histórico de Salvador. Com a implantação de fechaduras digitais, que substituem as chaves dos imóveis por senhas, o visitante nem precisa ter contato com proprietário da casa.

Depois de escolher a hospedagem na plataforma e efetuar a reserva para o período desejado, o turista recebe a senha que vai permitir o seu acesso à residência. Um modelo de negócio que está sendo adotado por investidores que nem moram na cidade, mas compram imóveis aqui, seguindo uma tendência internacional.

Por uma diária de R\$ 300, a professora de ensino fundamental portuguesa Maria Prata pôde passar com suas duas filhas adolescentes dois dias em uma ampla casa no Santo Antônio, com dois banheiros. Um modelo de habitação trazido ao Brasil por seus antepassados longínquos, mas que hoje é inacessível em Lisboa para um trabalhador de classe média.

Mesmo bem instalada, Maria, que já conhecia Salvador, declarou-se desconfortável com o perfil eminentemente turístico do Santo Antônio. Um processo que acompanha de perto há 15 anos no centro histórico lisboeta.

"A primeira vez que visitei o Pelourinho foi em 1998 e já havia começado esse processo de gentrificação, policiamento ostensivo e a transformação das casas em restaurantes e galerias", afirma a turista, que desta vez sentiu a transformação mais presente no Santo Antônio.

"Em todo o mundo acontece essa transformação dos centros históricos, com expatriados e fundos de investimento comprando os imóveis e os destinando a gente privilegiada, como eu, ou como os nômades digitais, gente que pode viajar", afirma a portuguesa, que vê os preços de aluguel em sua cidade natal praticamente inviabilizando a moradia no centro para a classe trabalhadora.

"E tem coisas que acabam sendo um pouco fake, porque as pessoas acabam deixando a cidade, e aqui, mesmo os soteropolitanos que têm um pouco mais de rendimento, deixam de frequentar o lugar", analisa Maria.

Esta semana, a Prefeitura do Salvador anunciou a implantação de um centro de convenções na Praça Municipal, justamente onde ainda funciona o Palácio Thomé de Souza. O novo equipamento, junto com a nova Caixa Cultural, que deve ocupar o prédio do antigo Liceu de Artes e Ofícios, reforça o perfil turístico e cultural do bairro.

Falta saber se a menina de dois anos, que brincava com a porta da casa de Dona Maura, vai ter o direito de abrir a porta de sua própria casa no Centro Histórico e frequentar a Caixa Cultural, o Centro de Convenções e todas as atrações do seu bairro.